



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Campus de Marília



CULTURA
ACADÊMICA
Editora

Conselhos de fábrica e democracia em Gramsci (1919-1920)

Marília Gabriella Borges Machado

Como citar: MACHADO, M. G. B. Conselhos de fábrica e democracia em Gramsci (1919-1920). In: DEO, A.; SARTORETTO, L. (org.). **Determinações do Mundo do Trabalho:** centralidade do trabalho, lutas sociais e crítica da economia política. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2020. p. 329-340.
DOI: <https://doi.org/10.36311/2020.978-65-86546-11-8.p329-340>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

CONSELHOS DE FÁBRICA E DEMOCRACIA EM GRAMSCI (1919-1920)

Marília Gabriella Machado

INTRODUÇÃO

Trata-se de pesquisa que empreende uma abordagem histórica e teórica, um procedimento capaz de ser realizado por meio de técnicas de análise de textos e crítica bibliográfica, com a finalidade de apreender a teoria e a prática política de Gramsci a partir daquilo que o autor efetivamente expressou. O objetivo central desse estudo é especificamente o de seguir a apreensão teórica / prática de Antonio Gramsci relativa à experiência dos Conselhos de Fábrica como o fundamento de uma nova forma de Estado e democracia, como órgão a partir do qual se organiza a produção e o poder operário. A hipótese de trabalho desse projeto é que a experiência conselhistas italiana -- na visão de Gramsci -- prefigurava um americanismo de novo tipo e um fordismo com controle operário, momento de expansão ético-política da cultura operária socialista e de construção de um novo Estado e de uma nova ordem. As fontes utilizadas são os textos de Antonio Gramsci, alguns de seus interlocutores e reflexões de importantes autores que discutem a teoria gramsciana, a fim de obter compreensão do cenário político e teórico que Gramsci se encontrava.

TEORIA E PRÁTICA NO JOVEM GRAMSCI

Gramsci possui obra teórica e prática de organizador da cultura voltada para o movimento operário e para a crítica social e cultural. No livro de Leandro Galastri, *Gramsci, marxismo e revisionismo*, pode-se compreender o ambiente ideológico do movimento operário italiano por meio da análise de um particular revisionismo, que se opunha ao marxismo positivista. De maneira que fica claro que o jovem sardo surge intelectualmente do ambiente revisionista e combate o positivismo social-reformista indo em direção à filosofia da práxis. O livro de Paolo Spriano, *Storia della Torino Operaia e Socialista: da de Amicis a Gramsci* (1978), retrata o contexto histórico em que Gramsci esteve inserido, tanto politicamente com a organização do proletariado de Turim, como também para compreender o ambiente intelectual e as influências da formação teórica de Gramsci.

A formação ideológica de Gramsci foi marcada pela filosofia do neoidealismo de Benedetto Croce e pelo meridionalismo como concepção política. Estudante na Universidade de Turim desde 1911 e filiado ao Partido Socialista Italiano, provavelmente desde fins de 1913, Gramsci atua nas bordas da corrente *massimalista* e absorve influências principalmente de Karl Marx, Georges Sorel e de Rosa Luxemburg, pensadores importantes para a definição teórica e política de Gramsci nos anos do *Biennio Rosso* e para sua inserção no marxismo (RAPONE, 2014, p.63).

A filosofia neoidealista de Croce persiste, mas as ideias de Sorel podem ser também diagnosticadas na prática política, ainda que essa igualmente revisada. Sorel entendia que a emancipação do trabalho demandaria a organização autônoma da classe, em termos econômicos e culturais. Para organizar a vontade dos trabalhadores dever-se-ia difundir a ideia da greve geral contra o capital e as instituições políticas e culturais que lhe davam respaldo.

Sorel havia sido um dos principais autores do jovem Gramsci, um dos pontos de referência para o amadurecimento de seu pensamento revolucionário distante do evolucionismo, do determinismo e do reformismo da Segunda Internacional, e um dos inspiradores teóricos do movimento dos Conselhos de Fábrica. (LIGUORI, 2017, p. 740).

Gramsci absorvera muito das ideias de Sorel, em particular o antijacobinismo e a noção de “espírito de cisão”, de apartamento da classe operária frente ao Estado burguês. Não estava de acordo, no entanto, em descartar a necessidade do partido operário já que este representa uma etapa fundamental das relações de força política, de organização e de autoconsciência dos grupos sociais: “as referências a Sorel estão intimamente motivadas pela influência desse pensador francês nos meios sindicais italianos, influência que se fazia mais evidente num momento de forte agitação operária na Itália” (GALASTRI, 2015, p.213).

Assim a visão de Gramsci em relação à política continha algo de Sorel, mas também alguma coisa de Rosa Luxemburg e da Nova Esquerda alemã. A militante polonesa refletiu sobre a manifestação da greve operária de massa como momento inicial do processo revolucionário, a partir de onde se desenvolveria a consciência e se procederia a centralização da ação política revolucionária. O livro *Os prismas de Gramsci* colabora para a compreensão de uma aproximação entre Gramsci e Rosa Luxemburg, além de enriquecer um debate sobre diferenças pontuais entre Lenin e os dois autores referidos. Assim, Marcos Del Roio (2011) observa como Luxemburg e os espartaquistas, quando em defesa dos conselhos operários, muito influenciaram as reflexões de Gramsci. É possível notar que para Luxemburg, o momento da experiência, da autoeducação e da auto-organização era crucial e culminaria na autogestão da produção.

Assim, da cúpula do Estado à menor comunidade, a massa proletária precisa substituir os órgãos herdados da dominação burguesa – Conselho Federal [*Bundestrat*], parlamentos, conselhos municipais – por seus próprios órgãos de classe, os Conselhos de Trabalhadores e Soldados. Precisa ocupar todos os postos, controlar todas as funções, aferir todas as necessidades do Estado pelos próprios interesses de classe e pelas tarefas socialistas. E só por uma influência recíproca constante, viva, entre as massas populares e seus organismos, os Conselhos de Trabalhadores e Soldados, é que a atividade das massas pode insuflar no Estado um espírito socialista. (LUXEMBURGO, 2011, p. 290).

No livro *O jovem Gramsci: cinco anos que parecem séculos (1914-1919)*, da Editora Contraponto e publicado no Brasil em 2014,

Leonardo Rapone traça o ambiente político desde 1914, mas que em 1917 é convulsionado pela revolução russa, e demonstra como Gramsci acompanha os acontecimentos na Rússia. A situação italiana esboçava graves mudanças, que chegaram à vida social e que atravessaram as dimensões do Estado e da sociedade civil, de modo a revelar a violência estatal, principalmente ao tratar a força de trabalho assalariada. Ainda assim, a resistência operária frente às perdas humanas e a desarticulação da vida social e estatal explodiram em agosto de 1917, momento no qual a revolução na Rússia estava em pleno desenvolvimento.

Após a guerra, que contou com o caos instaurado no cenário italiano, junto com as más condições de trabalho, exploração intensiva e alta aceleração inflacionária, grandes manifestações foram realizadas em solo italiano e espalharam-se pelos centros urbanos e pelas regiões rurais (GALASTRI, 2015, p.51). O jovem sardo percebe a experiência das Comissões Internas de trabalhadores nas fábricas turinesas como possível tentativa revolucionária traduzida dos *soviets* de Petrogrado para Turim. O cenário no qual Gramsci está inserido é de guerra e revolução socialista internacional.

Na Fiat, os operários seguiam o exemplo da Rússia e dos *soviets*, organizaram os primeiros Conselhos de Fábrica em 1919. Gramsci observa o momento da classe operária e da necessidade de organização com a finalidade de exercer o seu papel revolucionário, de modo que tenha disciplina -- não à disciplina imposta pelo patrão, mas um tipo de disciplina que o operário pode adquirir do próprio processo de trabalho - e que o trabalho venha a ser a base de uma nova sociabilidade que produza liberdade e solidariedade.

BIENNIO ROSSO

No período conhecido como *Biennio Rosso* (1919-1920), a Itália passou por um momento transformador que assinalou a última experiência conselhistas na Europa (ainda que na Alemanha, com outras características, os conselhos tenham sobrevivido por mais tempo). Será esse período o nervo da análise a ser desenvolvida na pesquisa que aqui se propõe, uma análise que acompanhará a concepção teórica e prática de Gramsci.

Alguns antigos estudantes da Universidade de Turim, engajados com o movimento operário e avessos à linha política de conciliação de classes do PSI, decidiram elaborar uma publicação de cultura socialista com o nome de *L'Ordine Nuovo*. Fundada por Angelo Tasca, Palmiro Togliatti, Antonio Gramsci e Umberto Terracini, a publicação teve seu número inaugural vindo a público no 1º de maio de 1919, apogeu da revolução socialista que percorria a Europa. Em 21 de junho, *L'Ordine Nuovo* com o editorial escrito por Gramsci, denominado *Democracia operária*, passa a ser o porta voz das reivindicações dos Conselhos de Fábrica. Gramsci propõe que

o Estado socialista já existe potencialmente nas instituições de vida social características da classe trabalhadora explorada. Articular entre si estas instituições, coordená-las e subordiná-las segundo uma hierarquia de competências e de poderes, centralizá-las fortemente significa criar desde já uma verdadeira democracia operária, em eficiente e ativa contraposição ao Estado burguês, preparada desde já para substituir o Estado burguês em todas as suas funções essenciais de gestão e de domínio do patrimônio nacional. (GRAMSCI, 1976, p. 337-338).

A luta operária e as ocupações de fábricas acabaram desenvolvendo um caráter revolucionário que gerou grande impacto na opinião pública. Como esperado, o patronato preocupou-se e buscou desenvolver forças repressivas para controlar este processo. O movimento das fábricas não contou com apoio do Partido Socialista Italiano (PSI) e da *Confederazione Generale del Lavoro* (CGL), o que gerou importantes críticas do jovem sardo sobre Partido e Sindicato. Observou como esses institutos tinham caráter contratualista e estavam enquadrados no Estado burguês, enquanto que o conselho de fábrica seria uma instituição de caráter público e apartado do Estado. Na verdade, um anti-Estado.

Os operários sentem que o conjunto da “sua” organização tornou-se um aparato tão gigantesco que terminou por obedecer a leis próprias, imanentes à sua estrutura e ao seu complicado funcionamento, mas estranhas à massa que adquiriu consciência de sua missão histórica de classe revolucionária. Sentem que sua vontade de poder não consegue se expressar, num sentido nítido e preciso, através das atuais hierarquias institucionais. (GRAMSCI, 2004, p.286).

Por que Gramsci considera Partido e Sindicato (PSI e CGL) partes integrantes do Estado burguês e concebe nos Conselhos de Fábrica o elemento fundante de um novo Estado dirigido pela classe operária e por que, frente à derrota dos Conselhos, indica a necessidade de um novo partido operário que carregue consigo o antagonismo à ordem existente vivenciada na experiência conselheira? De fato, os Conselhos de Fábrica eram a versão dos *sovietes* que se havia difundido a partir de Petrogrado para ampla área da Europa. A importância dos Conselhos nos diferentes países era de organizar o proletariado para assumir o poder político.

No livro *Gramsci em Turim: a construção do conceito de hegemonia* (1996), Edmundo Fernandes Dias faz refletir sobre importantes questões que corroboram a fundamentação desse trabalho, sendo uma das primordiais, a questão da hegemonia e dos Conselhos de Fábrica. Compreendemos que a categoria hegemonia não foi formulada por Gramsci no período dos Conselhos de Fábricas, de maneira que trabalharemos com as categorias de controle operário e de democracia operária. Mas, na riqueza da obra de Dias notamos que Gramsci observa os Conselhos como uma experiência de autonomia, antagonismo, auto-organização, autoeducação, autogestão da classe operária. Qual a relação dos intelectuais do *L'Ordine Nuovo* com a classe? Quem educa o educador? Os Conselhos são a experiência de autogestão do processo fabril, que decerto demanda também, além da qualificação profissional um padrão cultural mais elevado do que aquele estritamente vinculado ao particular processo de trabalho.

O conselho de fábrica é o modelo do Estado proletário. Todos os problemas inerentes à organização do Estado proletário são inerentes à organização do conselho. Num e noutro, desaparece o conceito de cidadão, substituído pelo conceito de companheiro: a colaboração para produzir bem e de modo útil desenvolve a solidariedade, multiplica os vínculos de afeto e de fraternidade. Cada um é indispensável, cada um está em seu lugar, todos têm uma função e um posto. (GRAMSCI, 1977, p. 44).

Para articulação dos Conselhos se fazia necessária uma cultura universal filosófica e científica, uma cultura socialista que se fizesse práxis política, onde a relação entre educador e educando torna-se recíproca e dialética, e o significado da fábrica é esclarecido e transformado. Os

Conselhos de Fábrica surgiam como a esperança para a classe trabalhadora no momento da ênfase da revolução russa.

As razões do entusiasmo com que Gramsci acolhe as notícias provenientes da Rússia, da verdadeira identificação com aquele processo revolucionário, são igualmente dignas de nota, porque mostram como ele enquadra inicialmente os acontecimentos russos em esquemas intelectuais já há muito presentes na sua mente, neles encontrando a confirmação de exigências que caracterizavam sua concepção de socialismo e terminando até por suprir a lacuna das informações com a sobreposição destas suas construções ideais. (RAPONE, 2014, p. 415).

Gramsci interpreta a experiência dos Conselhos em Turim como um momento decisivo e de grande importância para a classe. Os Conselhos são o embrião da *nova ordem*, na qual é possível adquirir consciência revolucionária de classe por meio da relação dialética de autoeducação, de educação recíproca entre operários e intelectuais. As Comissões de Fábrica se organizaram para negociar com o patronato, mas quando essa ficou inviável foi estabelecida a situação de greve com a espetacular particularidade de que essa implicou a ocupação das fábricas e a manutenção do seu funcionamento, com os patrões e seus representantes deixados para fora.

No Conselho, o operário torna-se parte da fábrica como produtor. Entretanto, no Partido e no Sindicato o operário ingressa de modo voluntário e assina um compromisso contratual que pode ser rompido quando for conveniente e desejado. Para Gramsci, o Sindicato demonstra um papel complexo na relação com os Conselhos, mas que pode ser modificado ao longo do processo revolucionário, já o Estado burguês deve ser substituído pelo Estado operário. A partir dos anos de 1919-1920, Gramsci inicia uma reflexão sobre o que o PSI e a CGL deveriam fazer e não estavam fazendo, a ponto de iniciar o debate acerca da cisão, tema posteriormente proposto pela Internacional Comunista.

A experiência revolucionária dos Conselhos de Fábrica durou até o início do outono de 1920, quando então a derrota não era mais evitável. Foi, no entanto, uma experiência muito importante para a Itália: os operários envolvidos eram operários profissionalmente disciplinados

e qualificados que se mostraram capazes de organizarem-se na luta. A capacidade dos trabalhadores de administrar as fábricas, evitar danos ou desperdícios, e aumentar a produtividade, foi o que Gramsci identificou como um americanismo conduzido pelos operários, ponto que irá retornar nos *Cadernos do Cárcere*, em particular no caderno 22.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É possível conceber que a experiência dos Conselhos de Fábrica em Turim e a concepção teórica / prática de Gramsci refletiam a orientação que misturava Sorel e Rosa, mas sempre a partir da ideia da auto-organização e autoeducação das massas trabalhadoras. Apenas no final de 1920, com a derrota do movimento dos Conselhos é que Gramsci enfim assumiu a necessidade da fundação de um novo operador político conforme indicado pelo II Congresso da Internacional Comunista, realizado em julho de 1920. Aqui o livro *Tempi moderni: Gramsci e la crítica dell'americanismo* (1989), organizado por Giorgio Baratta é bastante elucidativo da retomada que Gramsci faz da experiência dos conselhos num contexto de difusão do americanismo e do fordismo, como uma proposta capaz de colocar no avesso aquela experiência de exploração do trabalho, transformando-a em possibilidade de emancipação.

O livro do mesmo e Giorgio Baratta, *Antonio Gramsci em contraponto: diálogos com o presente* (2011) auxilia essa pesquisa como fonte para a elucidação de um Gramsci que identifica política e cultura no movimento dos Conselhos de Fábrica. Desse modo, o ponto de vista da pesquisa proposta é o vínculo entre política socialista e cultura, com o objetivo de compreender como se manifesta a experiência dos Conselhos de Fábrica e sua relação com o desenvolvimento da consciência crítica para construção de uma nova democracia. Os Conselhos de Fábrica demonstraram a capacidade de atuar como forma de democracia direta, de autogestão e de auto-organização do trabalho, assinalando a capacidade da classe operária em organizar-se enquanto classe em nível estratégico para construção de uma nova cultura.

A experiência dos conselhos operários, de 1917 a 1921, foi elemento constitutivo da revolução socialista internacional. Originado na Rússia, espalhou-se por outros países e assumiu diversas facetas.

Os Conselhos de Fábrica de Turim surgiram da particularidade das relações sociais e das contradições do capitalismo italiano, mas num contexto internacional no qual se difundia a perspectiva revolucionária. Compreender a experiência de Turim significa analisar como a classe se faz sujeito no processo de autoeducação e autogestão do processo fabril para um fim que não é o mesmo da acumulação capitalista, mas sim voltado para a emancipação do trabalho.

Para Gramsci, o *Biennio Rosso* representa uma experiência fordista de viés operário e demonstra que foi o momento de expansão ético-política da cultura operária e do desenvolvimento da consciência de classe do proletariado turinês. Na medida em que avança a Revolução Russa e europeia, (GRAMSCI, 2004, p. 245) percebe os limites dos institutos sociais do proletariado, do Partido e Sindicato, de levar avante um processo transformador e se convence de que os Conselhos são a chave da revolução social. A derrota do movimento dos Conselhos acabou por também indicar os seus limites, o que leva o autor a investir na formação de um novo partido operário que pudesse canalizar a vontade, o impulso, a consciência despertada na classe operária na experiência conselhistas.

É possível que a experiência conselhistas italiana -- na visão de Gramsci -- prefigurasse um americanismo de novo tipo e um fordismo com controle operário, momento de expansão ético-política da cultura operária socialista, de construção de um novo Estado e de uma nova ordem, mas que a ação de sindicato e partido operário, como instâncias do Estado, contribuiu de modo determinante para a derrota e levou Gramsci à percepção da necessidade de um partido revolucionário de novo tipo.

REFERÊNCIAS

- DEL ROIO, M. *Os prismas de Gramsci: a fórmula política da Frente Única* (1919-1926). São Paulo: Xamã, 2011.
- GALASTRI, L. *Gramsci, marxismo e revisionismo*. Campinas: Autores Associados, 2015.
- GRAMSCI, A. *Escritos Políticos*. (1911-1921). Org. e tradução de Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004. v.1.
- GRAMSCI, A. Democracia Operária. In: GRAMSCI, A. *Escritos Políticos*. (1910-1919). Lisboa: Seara Nova, 1976. v.1. p. 337-341.

- GRAMSCI, A. Sindicatos e Conselhos. In: GRAMSCI, A. *Escritos Políticos*. (1919-1920). Lisboa: Seara Nova, 1977. v. 2. p. 41-46.
- LIGUORI, G.; VOZA, P. (org.). *Dicionário Gramsciano* (1926-1937). São Paulo: Boitempo, 2017.
- LUXEMBURGO, R. *Textos escolhidos*. 1914-1919. Organização, tradução do alemão e notas Isabel Loureiro. São Paulo: Editora Unesp, 2011. v. 2.
- RAPONE, L. *O jovem Gramsci: cinco anos que parecem séculos* (1914-1919). Rio de Janeiro: Contraponto, 2014.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- AGOSTI, A. *Bandiere rosse: un profilo storico dei comunismi europei*. Roma: Riuniti, 1999.
- ALBANI, G. *Gramsci e la storia d' Italia*. Milano: Edizioni Unicopli, 2008.
- ANGELINO, C. *Gramsci al tempo de l'ordine nuovo: 1919-1920: um intellettuale di vedute europeu*. Roma: Riuniti, 2014.
- ANTUNES, R. *O que são comissões de fábrica*. São Paulo: Contraponto, 1982.
- BARATTA, G. *As rosas e os Cadernos*. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.
- BARATTA, G.; CATONE, A. (org). *Tempi moderni: Gramsci e la critica del americanismo*. Roma: Edizioni Associate, 1989.
- BARATTA, G. *Gramsci em Contraponto*. São Paulo: Editora Unesp, 2011.
- COMMETTI, J. M. *Antonio Gramsci e le origini del comunismo italiano*. Milano: Mursia, 1974.
- COUTINHO, C. N. *Gramsci*. Porto Alegre: L&PM, 1981.
- DEL ROIO, M. *Gramsci e a educação do educador*. Campinas: Cad. Cedes, 2006.
- DEL ROIO, M. (org.). *Gramsci e a revolução russa*. Rio de Janeiro: Mórula, 2016.
- DEL ROIO, M. (org.). *Gramsci: periferia e subalternidade*. São Paulo: Edusp, 2017.
- DIAS, E. F. *O outro Gramsci*. São Paulo: Xamã, 1996.
- DIAS, E. F. *Gramsci em Turim: a construção do conceito de hegemonia*. São Paulo: Xamã, 2000.
- D'ORSI, A. *Il Nostro Gramsci: Antonio Gramsci a colloquio com i protagonisti dela storia d'Italia*. Roma: Viella, 2011.
- D'ORSI, A. *Gramsci: La nostra città futura – Scritti torinese* (1911-1922). Roma: Carocci, 2004.

- D'ORSI, A. *Gramsci: Una nuova biografia*. Milano: Storie Feltrinelli, 2017.
- DUBLA, F. *Gramsci e la fabbrica: produzione, tecnica e organizzazione del lavoro nel pensiero gramsciano (1913-1934)*. Manduria: Lacaíta, 1986.
- FIORI, G. *A vida de Antonio Gramsci*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- FRESU, G. *Il diavolo nell'ampolla: Antonio Gramsci, gli intellettuali e il partito*. Napoli: La Città del Sole, 2005.
- GACOMINI, R. *Gramsci e l'Italia*. Napoli: La Città del Sole, 1994.
- GRAMSCI, A. *Escritos Políticos*. (1910-1921). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004a. v. 1.
- GRAMSCI, A. *Escritos Políticos*. (1921-1926). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004b. v. 2.
- GRAMSCI, A. *Antonio Gramsci: lettere 1908-1926*. (a cura di) Santucci. Turim: Einaud, 1992.
- GRAMSCI, A. *Quaderni del Carcere*. (a cura di) Valentino Gerratana. Turim: Einaud, 1975.
- GRAMSCI, A. *Sotto la mole*. Turim: Einaud, 1971.
- GRAMSCI, A. *L'Ordine Nuovo: 1919-1920*. Turim: Einaudi, 1954.
- GRAMSCI, A. *Socialismo e Fascismo. L'Ordine Nuovo 1921-1922*. Torino: Einaudi, 1974.
- HOBSBAWN, E. *Era dos extremos: o breve século XX – 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- LAJOLO, L. *Antonio Gramsci: uma vida*. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- LENIN, V. I. *La ideologia y la cultura socialistas*. Moscou: Progreso, 1979.
- LEPRE, A. *Il prigionero: vita di Antonio Gramsci*. Bari: Laterza, 1996.
- LIGUORI, G. *Roteiros para Gramsci*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2007.
- LIGUORI, G. *Gramsci conteso: interpretazioni, dibattite e polemiche: 1922-2012*. Roma: Reuniti, 2012.
- LOSURDO, D. *Antonio Gramsci: do Liberalismo ao comunismo crítico*. Rio de Janeiro: Revan, 2006.
- LUXEMBURGO, R. *Textos escolhidos. 1889-1914*. Organização Isabel Loureiro, tradução Stefan Klein (alemão) et al. São Paulo: Editora Unesp, 2011. v. 1.
- MARTORANO, L. *Conselhos e democracia*. São Paulo: Expressão Popular, 2011.
- NOSELLA, P. *A escola de Gramsci*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1992.
- PAGGI, L. *Antonio Gramsci e il moderno príncipe*. Roma: Riuniti, 1970.

- PALLA, M. *A Itália fascista: século XX*. São Paulo: Ática, 1993.
- PINHEIRO, M.; MARTORANO, L. (org.). *Teoria e prática dos conselhos operários*. São Paulo: Expressão Popular, 2013.
- RAPONE, L. *Cinque anni che paiono secoli: Antonio Gramsci dal socialismo al comunismo (1914-1919)*. Roma: Carocci, 2011.
- SCHLESENER, A. H. *Revolução e cultura em Gramsci*. Curitiba: UFPR, 2002.
- SCHLESENER, A. H. *A escola de Leonardo: política e educação nos escritos de Gramsci*. Brasília: Líber Livro, 2009.
- SCHLESENER, A. H. *Hegemonia e cultura: Gramsci*. Curitiba: UFPR, 1992.
- SPRIANO, P. *L'Ordine Nuovo e i Consigli di Fabbrica: 1919-1920*. Turim: Piccola Biblioteca Einaud, 1971.
- SPRIANO, P. *Gramsci e Gobetti: Introduzione alla vite e alle opere*. Turim: Piccola Biblioteca Einaud, 1977.
- SPRIANO, P. *Storia della Torino operaia e socialista: da De Amicis a Gramsci*. Turim: Einaud, 1978.
- SECCO, Lincoln. *Gramsci e a revolução*. São Paulo: Alameda, 2006.